

Dr. Ramalho

O ARTISTA

por Joaquim da Silva Ramalho, morador na rua 4 de Maio de 1879

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORGÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I

Desterro - Domingo 11 de Maio de 1879

N. 24

O ARTISTA



Desterro, 11 de Maio de 1879.

PERDA SENSIVEL.

Dolorosa e sensivel perda acaba de soffrer a familia catharinense com o passamento de um de seus mais eminentes membros, o Dr. Joaquim da Silva Ramalho.

Moo, ainda no verdor dos annos baixou a sepultura no dia 7 do corrente, quando menos era de esperar, surpreendendo a todos que o conhecia robusto, activo e infatigavel.

Dedicado as lutas da vida politica, a cujo pinaculo seus meritos a tinham conduzido, dirigio sempre o partido liberal, que hoje o pranteia, com tino e intelligencia inexcediveis.

Luctador incansavel das ideias avan-

çadas do partido democratico, sabia respeitar a opiniao do adversario.

Filho desta provincia nella occupou as mais elevadas posicoes sociais, e por duas vezes administrou-a na qualidade de seu primeiro vice presidente.

O vacuo que deixa esse cidadão proeminente, difficilmente poderá ser preenchido.

Bom amigo, excellente pai de familia, chefe respeitado e querido, irmão carinhoso; eis as raras qualidades que ornava o nobre e generoso coração que deixou para sempre de pulsar.

O grande concuoso de pessoas de todas as camadas sociais que acompanhava até a sua morada final os restos preciosos de tão chorado cidadão; a dor que se lia em seus rostos commovidos; as lagrimas sonhadas que rolavam dos olhos de quasi todos que assistiao as ceremonias fúnebres são provas cabalares desta elevada estima em qua era elle tido no seio desta população.

A sua desolada familia enviamos os nossos sentidos e cordiaes pezames e como amigo acompanhamos a nesses transas de amargurada tristeza.

Na lapide que encerra os restos do que foi Dr. Joaquim da Silva Ramalho e uma lagrima de Saudade.

O. Exm. Sr. Dr. José Segundino Lopes de Gomensoro, digno Juiz de Direito da Comarca desta Capital e actual Chefe de Policia interino da Provincia, dignou-se dirigir ao redactor do ARTISTA uma mui honrosa carta, com data de 4 do corrente mez, que foi entregue ao editor-proprietario deste periodico, na qual S. Ex. teve a delicada modestia de agradecer as breves mas justas expressões que a sinceridade do mais obscuro dos collabradoros deste jornalinho fez publicar em o n. 21, por occasião de ter deixado a Chella de Policia o Sr. Dr. Lobo de Moura, e assumido S. Ex. a respectiva jurisdicção.

A nimia bondade do Exm. Sr. Dr. Segundino de Gomensoro, de que temos tão irrefragavel prova, permittir-nos-ha que declaramos que o seu muito apreciado favor veio placidamente confirmo quanto haviamos escripto à seu respeito, isto é, que à frente da administração policial, era S. Ex., pela sua illustração e educação esmerada, um digno substituto do Sr. Dr. Lobo de Moura.

A musica

Celeste filha de Deus, é a muzica o fiel transumpto da grandiloqua eppéa da creação.

E' por isso mesmo que um grande nu-

FOLHETIM 5

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

—Ora o que faltam são chastres!

—Mas eu quero aquelle, não quero outro... Pois não sabe que venho atrás d'aquelle patife, desde Marselha... que quero apanhal-o, o morto ou vivo, para o depenhar, para o comer, para... Va-me buscar a espingarda.

—Não vou, já lhe disse. Muito obrigado, não tenho vontade de ir para a cadeia por sua causa.

—Pois então, vou eu buscá-la.

—Vá, mas o que lhe jurou é que em voltando, não encontra o chastre.

—Pois o senhor seria capaz de lhe dar fuga? disse eu saltando no estálajadeiro.

—Prrr... berrou o amaldiçoado.

Puz-lhe a mão na boca.

—Pois está dito! Vá-me buscar a espingarda e dou-lhe a minha palavra de honra que não dou nem um tiro antes de romper a aurora... palavra de honra... Está satisfeito? Vá-me buscar a espingarda. Passo aqui a noite, e amanhã, apenas for claro... pum...mato-o!

—Peuh! palavra de caçador!... Podemos fazer outra coisa.

—O que coisal... Olhe para elle, parece que nos está insultando... Então o que é que podemos fazer?

—Pode ficar aqui, a que tem isso na vontade. Aqui se lhe traz a ceia, e nada

lhe ha de faltar. Depois da ceia, se quiser dormir, aqui tem a relva.

—Dormir! Ah! o senhor não me conhece. Não progo olho toda a noite!... Para elle se ir embora emquanto eu estiver a dormir!... E amanhã...

—Amanhã, assim que romper o dia, trago-lhe a espingarda.

—Estalajadeiro, abusa da minha posição.

—Então que quer? Isto é pegar ou largar?

—Não me quer ir buscar a espingarda?... Uma vez, duas vezes, tres vezes.

—Não.

—Pois então vá-me buscar a ceia, e faça a menos bulha possivel, quando m'a trouxer.

—Oh! ha perigo! desde que elle se não foi embora com o barulho que temos

mero de escriptores a collocar na da das nobres irmãs, a quem leva vantagem pela dupla propriedade do pensamento e da realisação, sob uma forma que satisfaz ao coração e a cabeça.

A muzica é tão necessaria á humanidade, quanto o são todas as sciencias e artes que tendem a desvial-a da impetuosa torrente dos preconceitos sociais.

Transformadora dos affectos, quantas vezes tem ella concorrido para a salvação de infortunados proscriptos?

Um exemplo, entre muitissimos.

Luiz XIV, este ignorante, este asno, como o chamã Saint-Simon, que apenas assignava o nome e uma só palavra não conhecia das cousas mais vulgares em historia, em geographia, em mathematicas nem em sciencia alguma, que logou a França o luto e a miséria, consequencias das suas lapidações, carnificinas e incendios; esse rei covarde e fanático, rufino das sciencias e letras, reunia nos seus salões os melhores muzicos nacionaes e estrangeiros.

Não era certamente o amor da arte que o inspirava,—era o meio unico de que dispunha para suffocar os remorsos que lhe agulhoavam a consciencia.

Entlevado aos accordes melodiosos da muzica, deixava elle descombinar planos de vingança e as suas victimas tinham tempo de procurar meios de subtrahir-se á colera do barbaresco despotas.

adão, por innume-
te divina é o
mo Creator do
humanidade.

o cartejo a poesia e a pintura não ha duvidar: ou tomemos umas das operas de Verdi, onde a poesia suave e melódica nos arrebatou o espirito e a pintura dos sentimentos se manifesta; ou ouçamos um trecho de Paganini em qua elegia nos arranca lagrimas ardentes, quando pinta as dores

que lhe
as produço
onde este gy
mo a natur
mos a subli
onde cada n
passo—uma
suave e br
de Cecilia e
traduzindo
gens, desper
catas que se
ventos que
nossas flore
armas dos c

Considera
vista, é a m
e do sublime
ave ou hár
nhum ser po
do que tenh
pervertida

ou attendamos
s de Beethoven,
a magestoso co-
reve; ou escute-
o Carlos Gomes,
rso, cada com-
ie ora nos traça
s castos amores
deve imponente
los nossos salva-
ão ruído das cas-
ao rijo sopro dos
verde como das
ao embater das

lquer ponto de
festação do bello
rma amena e su-
argica, a que ne
por mais enerva-
pírito, por mais
consciencia.

José,—9-4-79.

NETSCO PAULINO.

LITTERATURA

A caverna maldita

Na manhã de domingo, quando estava a despertar de esse somno penoso pelo guarda, para tomar algum alimento.

Aproveitei a occasião para perguntar-lhe pelos meus companheiros e que sorte nos aguardava.

Não me quiz responder, só instava para que comesse.

Inclinamo-nos ao signal de agradecimento.

—Mas como o homem é uma creatura fraca! Apenas caei; senti invadir-me o somno, cerraram-se-me os olhos sem eu querer. Abri-os, esfreguei-os, dei beliscões nas pernas, mordei o dedo minimo. Completamente inutil. Estava embrutecido. O melhor era dormir, e foi o que eu fiz.

Sonhei que a arvore onde estava poisado o meu *chaste* estava na terra dentro como as arvores do theatro de Marselha! Já foi alguma vez o papel do theatro de Marselha? Essa parte tem machinado. Um dia d'estes... representará o *Monstro*—era isso. Não da Porte-Saint-Martin que representava o papel de monstro—havia o sr. Aniel?

Fiz-lhe sign... essa honra,
—Eu tinha... fallar. Apenas cahio o panno... não reparo

A fome era muita, pois já havia muito tempo que não comia, provei do alimento.

Acabada esta triste refeição, tornei a dirigir-lhe as mesmas perguntas; a resposta que me deu foi fechar com estrondo a porta e desaparecer.

Momentos depois, quatro homens armados penetrarão no meu sombrio carcere, e levarão-me para um amphitheatro subterraneo, onde estavam reunidos todos os habitantes da caverna.

Foi com horror que vi os meus companheiros, cuja lembrança tanto me tinha pesado na vespera, atados com fortes cordas em grossas estacas, rodeados de montes de lenha regada com alcatrão.

Compreendi logo o que ia succeder e dirigindo-me para o chefe d'esses bandidos, que se achava sentado n'uma tribuna collocada no alto de umas das paredes que formavão o subterraneo, pedi-lhe, de joelhos, que tivesse compaixão de nós, que não manchasse as suas mãos no sangue das innocentes victimas que tinha diante de si.

O tyranno não me deixou acabar de fallar; ergueu-se e mandou os seus subordinados lançar fogo a lenha.

N'um momento inflammou-se a fogueira; os meus desgraçados companheiros ficaram involtos n'uma nuvem de fumo negro; os gritos agonisantes desses infelizes atrozão o subterraneo de mistura

são uma forte pancada na cabeça cahi sem sentidos.

Quando tornei a mim, achava-me encerrado na mesma prisão donde tinha saído.

Lembrei-me então do occorrido desattei a chorar.

no alcapão por onde elle desapareceu... vlah!... e ahi me sumo eu pelo mesmo alcapão... Suppuz-me pulverisado. Felizmente ainda lá estava o colção. O machinista vinha-o tirar, justamente quando me vê de patas para o ar.

—Não procura o sr. Aniel? disse elle. Acaba agora mesmo de passar por aqui e deve estar no seu camarim.

E vai ex. disse-lhe: Obrigado meu amigo, e fui para o camarim de Aniel. Elle lá estava effectivamente. Isto foi só para lhe dizer como o theatro de Marselha está bem machinado.

Sonhei pois que a arvore onde poisara o meu *chaste* se mettia pela terra dentro, de forma que eu apanhava á mão aquelle miseravel passaro. Fez-me isso um tal effeito que me acordon.

Continúa

Derepente abriu-se a porta e um homem entrou no meu carcere fechando-a com cautela.

Este individuo aproximou-se de mim e disse:

—Ha muito tempo que eu teria sahido desta eterna maldicta se achasse um companheiro; mas quiz o acaso que eu não achasse e eis o motivo porque ainda habito esse lugar onde só vagueia o affecto medonho do crime; mas, hoje, creio que achei um companheiro, porque vejo em vós um homem que daria tudo o que tem para se ver bem longé d'aquí.

Ao ouvir estas palavras a alegria brillou nos olhos e as lembranças lugubres que povoavão-me o cerebro desaparecerão, dando seu lugar a da vingança.

—Aceito, disse eu, a proposta que me fazeis.

O individuo estendeu-me a mão em signal de agradecimento e disse baixinho como temendo que as suas palavras transpusessem a porta e fossem soar em ouvidos alheios:—Logo, ás onze horas da noite, deves estar prompto porque te venho busear e dizendo isto sahiu fechando subtilmente a porta.

O que se passou durante este dia não posso explicar, porque se meu corpo estava no carcere, minha alma vagava n' uma mar de alegria.

Continua

POESIAS

Versos á I....

Um dia...quando, não me lembro agora..
Na molle rede, á sombra da palmeira,
Qual anjo em branca nuvem, docemente
A sêta tu dormias feiticeira.

Dir-se-hia que um anjo ao teo ouvido
Segredava do céu mimoso um canto,
Pojs que tinhas nos labios um sorriso
E na face uma gota de teu pranto.

Raphael se te vira assim divina
Fornarina esquecera de amoroso,
E do céu se te vissem desertavam
Os anjos de te ver por esse goso.

Presa ao cabello, que ondeava negro
No puro marmor de teu hombro augusto,
Da côr do céu, sem descôr ou sem nuvem,
Cahia-te uma fita sobre o busto.

Eras então mais linda do que Maria,
Mais gentil que essa virgeni de Veneza,
Pois que a sombra que a face te cobria
Mais linda fazia tua belleza.

Se te vira o Senhor assim mimosa
Talvez o coração não te negara,
E Ovidio tão formosa qual Corina
Em verso cadencioso te pintara.

Pernambuco, 1-6-1877.

SYLVINO ARTHUR.

A BACCHANTE

POEMETO

POR

HORACIO NUNES

V

E a provocante hespanhola,
repicando a castanhola,
sofita dos labios a voz;
e a turba grita sorrindo:
—Tu és o anjo mais lindo....
—tous escravos...sômos nós!...—

E a mulher,—lasciva e bella,
mostra o seio que revella
nos tremôres da emoção
os delirantes desejos
de um oceano de beijos
nas ancias do coração...

E sob a cambrya leve
deixa ver formas de neve
da volupia no tremôr,
revellando n'um sorriso
de gosos—um parayso,—
comô um cantico de amor,

E as salas abobadadas
repetem as gargalhadas
da turba, que vai e vêm
e a mulher,—Aspasia e fada,—
lança à turba arrebatada
um sorriso de desdem.

E diz a bella hespanhola,
repicando a castanhola,
n'um sonoro cantar:
—« Palacios... dá-me um abraço...
estou morta de canção...
quero em teo seio sonhar....

« Angelo, és moço e não danças....
mataram-te as esperanças
alguns amôres?...—Talvez!...
Pedro, estarás com quebranto?...
Não vês como alegre eu canto
e como fólgo?...Não vês?...

« Mancebos, n'estes folguêdos
passam da existencia os mêdos,
passam as dôres tambem...
ha tanta paz na bonança...
dos requebros d'esta dança
ai! que alegria nos veem!

« Vamos, mancebos, que a vida
Deus não nos-deu para lida,
para chorar e soffrer...
deu-nos para o doce goso
do descanso venturôso,
d'alegria e do prazer.

« Ai que scysmar malfadado
estou que estás tam ingolphado,
meu querido Raphael...
vamos que eu serei, meu querido;

o—*tu mel appet*
tu serás—*meu doce mel...*

« Amalys vós?...—Miseros luctus
Não sabeis que sam tam poucos
os gózos que a vida tem?...
Eu vou a vida passando
altiva, alegre, brincando,
sem ter—*amor...a ninguém!*

NOTICIARIO

Passamento.—Depois de prolongado padecimento rendeu a alma ao Creador no dia 5 do corrente D. Florantina-Luiza de Carvalho esposa do nosso amigo sr. Luiz José de Carvalho, e mãe dos illustres catharinenses Alvaro Augusto de Carvalho e Trajano Augusto de Carvalho suas glorias que daquela excellente Mãe tiveram origem.

A sua desolada familia enviamos nossas condolencias por tão infausto acontecimento.

Pós contra a coqueluche remedio infallivel

Sob este titulo lemos na *Revista Gallica* a receita que abaixo se segue, publicada pelo distincto facultativo sr. Dr. Marciano, residente na cidade de S. Paulo, e a sua efficacia de S. Pedro de Sul para curar essa terrivel enfermidade, que quasi sempre é fatal em crianças; e desejando nós vulgarisal-a, aqui a transcrevemos integralmente:

Belladona em pó
Scilla em pó
Gomma ammoniaco em pó
de cada uma—uma gramma
Kermes mineral, 5 grammas
Alcaçuz, 4 grammas
misture exactamente e divida em 24 pa-
peis.

DÓSE

Para crianças até 6 mezes, 1/4 de papel 3 vezes no dia, misturado em um ou duas colheres de leite morno.

Para crianças de 6 mezes a um anno, 1/2 papel de manhã e outro de tarde.

Para as de 2 a 4 annos 1 papel de manhã, e para as de 4 a 8 annos 1 papel de manhã e outro de noite:

Qualquer pessoa pois póde copiar esta receita; mandal-a na bôtica ou drogaria em que mais confiança depositar enflui administral-a aos enfermos.

O remedio é especifico.

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conserva-

dor, Echo do Paraná, Municipio, Mosai-
co, Gazeta de J. J. Leopoldo Ot-
toni, Nova Ambrósia, Echo Social, Sa-
pucaense, Injunctivo, Paraisense,
Journal do Povo, Agitatorio,

TRANSCRIPÇÃO

Victor Hugo

Victor Hugo representa a huma-
nidade inteira, porque é a en-
carnação do pensamento universal.

O homem representa a huma-
nidade inteira, porque é a en-
carnação do pensamento universal.

Victor Hugo representa duas gerações—
a presente e a futura.

Hugo propaga a ideia porque é o educa-
dor da nova geração e a geração futura,
porque ella será a executora das suas
theorias.

Hugo propaga a ideia porque é o educa-
dor da nova geração e a geração futura,
porque ella será a executora das suas
theorias.

Hugo pede a Republica Universal.
A humanidade caminhará; um dia este
principio será um facto.

A sciencia será a lei humana; o tra-
balho o motor da vida dos povos; a acti-
vidade a precursora da civilização.

O crime desaparecerá. A sciencia
substituirá ao codigo; o mestre ao legista;
o congresso á guerra.

O batalhador trocará a espada pela
penna; a bala pela palavra; o campo de
batalha pela imprensa; o canhão pela
tribuna.

Será a guerra da persuasão, o combate
da razão humana; e não a guerra de mor-
te, o combate sanguinolento dos homens.

O sangue não será derramado; a luz
será difundida.

A ignorancia e o instinto sanguinario
não serão acoroçados.

O genio, as intelligencias cultas con-
stituirão o grande attributo do homem.

Desapparecerão os preconceitos, os pri-
vilegios das dynastias.

A sociedade será a communhão civil
dos homens.

Aos templos substituirão as escolas.
Aos ídolos e imagens o culto civil.

E o genero humano, concretizado nes-
tes principios, caminhará.

Embora seja lento o passo, a estrada
não é difficil de vencer.

Empreenda-se a jornada; que, com
um esforço chegaremos ao destino.

Não é difficil de executar o plano tra-
çado: uma abnegação e tudo conseguir-
se-ha.

O trabalho e a actividade constituem
a affirmação da vida.

Sem isto ella seria pueril.

Eis aqui synthetizado o mais grandioso
pensamento de Hugo.

Fallar em um dos maiores homens do
seculo foi para mim uma ousadia.

Não o caracterisar, ainda que mal,
não descrever suas idéas—phérol que
illuminará todos os seculos—seria uma
falta indelevel.

Victor Hugo symbolisa o mundo inteiro.

O seu nome será a grande inscripção do
estandarte universal.

A. FIGUEIRO.

(Ext. do *Echo Social*.)

ANNUNCIOS

Aluga-se

A casa e chacara á Rua S. Sebas-
tião n. 1, para tratar na Rua da Pe-
dreira n. 13.

Advogacia

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba
com Escriptorio de advogacia
e de negocios Administrativos.

Rua do Principe N. 2
(CAJUEIROS)
RIO DE JANEIRO

Typ. e Lithographia de A. Margacila
RUA DE JOÃO PINTO N.º 28